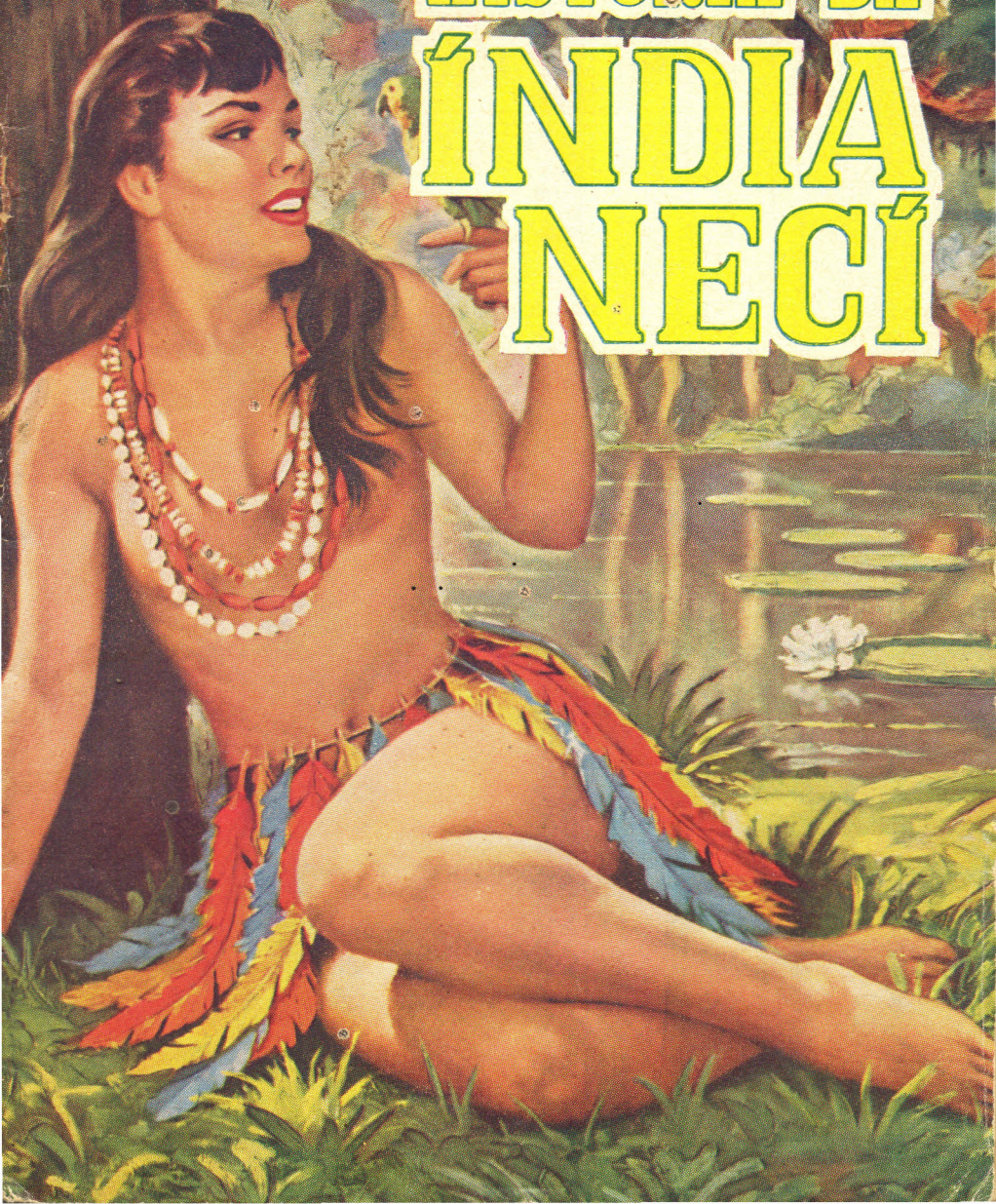


# HISTÓRIA DA ÍNDIA NECÍ





LEANDRO GOMES DE BARROS



# HISTÓRIA DA ÍNDIA NECI

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei  
na Biblioteca Nacional



RUA VISCONDE DE PARNAÍBA, 3042/50  
FONE: 93-3897 — SÃO PAULO-6  
Inscrição C. G. C. N.º 60.856.994

LEANDRO GOMES DE BARROS

## HISTÓRIA DA ÍNDIA NECI



Setenta anos depois  
Que o Brasil foi descoberto  
Ainda havia muitos índios  
O País era deserto  
Todo solo brasileiro  
Era por mato coberto.

O governo português  
A fim de colonizar  
Mandava governadores  
Aos índios domesticar  
Dizendo: uma tribo ou outra  
Pode se civilizar.

Da Paraíba do Norte  
Chegou na capitania  
Um donatário cruel  
Que muitos horrores fazia  
Simpatizou com uma tribo  
Que ali perto existia.

Tantos que diversos índios  
Já falavam português  
O chefe da tribo era  
Um índio muito cortez  
Já cultivava a terra  
E observava as leis.



Davam ao governador  
A fim de serem agradáveis  
Diversos peixes e caças  
Objetos apreciáveis  
Redes tecidas por eles  
De penas de certas aves.

Então o governador  
Também os gratificava  
Dava roupa para a tribo  
Os ferros que precisava  
A tribo também por si  
Daquilo não se abusava.

Era setecentos índios  
Numa maloca aldeiados  
Trezentos e seis mulheres  
Cento e dez homens casados  
Entre rapaz e crianças  
Mas todos encorporados.

Jupi era um índio moço  
Com vinte anos de idade  
Parecia um português  
Em feições e qualidade  
Era um desses que sozinho  
Defende qualquer cidade.

Tinha a cor bem alva e fina  
O seu nome era Jupi  
E uma índia prima dele  
Que se chamava Neci  
Onde coragem e firmeza  
Só chegava até ali.

Um português miserável  
Se enamorou por Neci  
Então o chefe da tribo  
Expulsou ele dali  
Dizendo que aquela índia  
Só pertencia a Jupi.



Esse infeliz português  
Um perito traidor  
Foi ao palácio e lá disse  
Ao próprio governador  
Que o chefe da tribo era  
Um grande conspirador.

Jurou que tinha visto  
A tribo já reunida  
Para atacar a cidade  
E depois dessa vencida  
Dos portugueses dali  
Nenhum ficava com vida.

O governador primeiro  
Não queria acreditar  
E mandou dizer ao chefe  
Que queria lhe falar,  
Que era apenas um conselho  
Que ele queria lhe dar.

O português traidor  
Ficou com isso vexado  
Armou-se e saiu oculto  
E emboscou o soldado  
Atirou nele matou-o  
Antes de dar o recado.

Apareceu o praça morto  
Aí o povo jurava  
Que o português não mentia  
Era exato o que contava  
E os índios tinham morto  
O praça quando voltava.

O donatário mandou  
Cem praças cercar a aldeia  
Mas o chefe disse: — A força  
Eu não moro em terra alheia  
Nós morreremos em pleno campo  
Mas ninguém vai à cadeia.



Porque não acho motivo  
Para esta imposição  
O governo não nos disse  
Que nos dava proteção?!  
Quer agora nos prender  
Isso assim não é ação.

Disse-lhe o oficial:  
— Você está revoltado  
E o governo mandou  
Chamá-lo por um soldado  
E esse quando voltava  
Foi no mato assassinado.

Disse o chefe: — Que revolta  
Aqui vai tudo direito  
Nós respeitamos os brancos  
A eles temos conceitos  
Nos levanta agora um falso?!  
Não vê que isso não tem jeito.

Disse-lhe o oficial:  
— Eu quero é sua prisão  
Vai a tribo a toda pressa  
À minha disposição  
Então o governador  
Lá que lhe dê o perdão.

— Isso não! Disse o cacique  
Morre tudo e ninguém vai  
Vou aventurar a sorte  
Ver a desgraça em que cai  
A miséria nos procura  
Tupã também será meu pai.

A força atirou nos índios  
Os índios também romperam  
Sessenta e nove soldados  
Nesse combate morreram  
Mataram o chefe da tribo  
E trinta índios prenderam.



Prenderam os mais valentes  
Como bem fosse Jupi  
Agabatã irmão dele  
E a formosa Neci  
As lágrimas de mais ternura  
Via-se gotejar ali.

Até as pedras choravam  
Se visse exclamar Neci  
Dizendo: — Antes morresse  
Do que ver preso Jupi  
O homem que sua imagem  
Trago neste peito aqui!

E foram para a prisão  
Todos os índios escoltados  
Entregues a diversos praças  
Por eles tão maltratados  
Alguns não chegaram lá  
Porque estavam baleados.

Botaram os índios num quarto  
Neci deles separada  
Uma sentinela à porta  
E ela dentro amarrada  
Ela ouviu Jupi chorando  
A uma da madrugada.

Ela aí mordeu as cordas  
Com a fúria de um leão  
Cortou ambas com os dentes  
E na mesma ocasião  
Investiu no sentinela  
Matou e tomou o facão.

E foi à prisão dos índios  
Botou abaixo o portão  
Matou dois guardas na porta  
Entrou dentro da prisão  
Soltou Jupi e os outros  
Rápido como a explosão.



Quando a guarda estremeceu  
Estava a desgraça na praça  
Neci disse a Jupi:  
— Branco conosco não faz graça  
Dos brancos que me prenderam  
Eu acabo até a raça.

Disse Neci a Jupi:  
— Você não saia do centro  
Eu fico na retaguarda  
Haja o que houver eu entro  
Já mandei doze ao quartel  
Carregar todo armamento.

O general conhecendo  
Que não podia ganhar  
Mandou tocar reunida  
E tudo se retirar  
Os índios levaram as armas  
Ninguém as pôde tomar.

Chegaram os índios na aldeia  
Acharam um grande estandarte  
Feridos não tinha conta  
E mortos por toda parte  
Duzentos e quarenta índios  
Morreram nesse combate.

O governador doente  
Perguntou admirado:  
— O que se deu com os índios?  
Quem os teria soltado?  
Da forma que aconteceu  
Não respondia um soldado.

Apenas disse um sargento:  
— Aquela índia formosa  
Brigava até com os dentes  
Como uma cobra raivosa  
É mais valente que os índios  
Tem força e é valorosa.

E a fugida dos índios  
Só pôde ter sido ela  
Que pôde afrouxar as cordas  
E matar o sentinela  
Nos índios todos não tem  
Quem tenha a coragem dela.

Quando nós cercamos eles  
Ela foi quem veio na frente  
Com um pau matou três praças  
Com uma pedra um tenente  
Pegou outro pela guela  
Matou instantaneamente.

Onde ela atira a pedra  
É uma morte que faz  
Ou ela tem um prodígio,  
Ou parte com satanáas  
Todos os índios mataram  
E ela só, matou mais.

— Ainda não vi essa índia  
Dizia o governador  
Disse o sargento: — Parece  
Capricho do Criador  
Não há jardim na Europa  
Que tenha tão linda flor.

Porque a boca da índia  
Parece uma rosa abrindo  
Os olhos dela parecem  
O sol quando vem saindo,  
O corpo parece um anjo  
Nos braços de Deus dormindo.

Negros e finos cabelos  
Cobrem-lhe os ombros morenos  
O nariz bem afilado  
Negros olhos não pequenos  
Se há reencarnação  
Nela está a alma de Vênus.



Admira-me uma selvagem  
Possuir tanta beleza  
E não haver um remédio  
Que lhe manche a pureza  
Aquilo ali só parece  
Um primor da natureza.

A índia quando sorri  
Exprime tanta atração  
Que faz o próprio inimigo  
Abrandar o coração  
Quando ela lança um olhar  
Chama até Deus atenção.

Também o que tem de linda  
Tem também de carniceira  
É o que pode chamar-se  
Uma cobra verdadeira  
O urso é menos feroz  
E a onça é menos ligeira.

Sou sargento há vinte anos  
E não dei um só combate  
Naquela guerra da França  
Fui praça de Bonaparte  
Mas em manejo de guerra  
Eu nunca vi tanta arte.

Ela é perita na flecha  
Conhece esgrima e floreio  
Uma rebolada dela  
Parte um homem pelo meio  
Coragem e destreza assim  
Eu não sei de onde veio.

Agora nos ocupamos  
Da fuga que eles tiveram  
Da forma que acharam a tribo  
E o que foi que disseram  
Como calcularam tudo  
E a jura que fizeram.

Chegaram os trinta índios  
Que fugiram da prisão  
Acharam tantos feridos  
Que cortava o coração  
O sangue dos que morreram  
Tinha umedeceido o chão.

Aí combinaram todos  
Ficar por chefe Jupi  
Foi uma congregação  
Tudo concordou ali  
Só faziam qualquer ato  
Combinando com Neci.

Disse Jupi pois agora  
Precisa se combinar  
Dentro de cinco ou seis dias  
Precisamos nos mudar  
Porque o exército branco  
Com certeza há de voltar.

Eu juro pelo meu arco  
Se vierem me prender  
Morrerei em pleno campo  
Ninguém me verá a correr  
Eu matando dez ou doze  
Qualquer um pode comer.

Disse Neci: — E eu juro  
Por Tupã a quem adoro  
Ainda um me trespassando  
Eu não me curvo e nem choro  
Enquanto não me matarem  
Não há quem conte os que toro.

Ainda bem que da prisão  
Trouxe uma boa espingarda  
Aprendi a carregar  
Estou bem exercitada  
Carrego e atiro bem  
Manejo bem a espada.



Disse Acaci outro índio  
Com vinte anos de idade:  
— Eu irei espreitar tudo  
Quanto houver lá na cidade  
E venho avisar na tribo  
Se acaso houver novidade.

Me escondo perto da rua  
Observando o que há  
Com certeza eu vejo logo  
Tropa que sair de lá  
Vendo a tropa eu corro logo  
E aviso tudo cá.

Então disse um índio velho:  
— Combinando com Jupi  
Dizendo: — Eu não acho bom  
Esse acordo de Acaci  
Ele vai matam-no lá  
Quem vem avisar aqui?

Meu acordo é que nos mude  
Vamos nos acautelar  
Numa garganta de serra  
Própria para se brigar  
Lugar que seja difícil  
Soldado branco passar.

Nós temos esse armamento  
Que trouxemos da cidade  
Exercitemo-nos nele  
Teremos atividade  
Soldado chegando ali  
Morre em grande quantidade.

A tribo toda aceitou  
O acordo de Arará,  
Neci concordou dizendo:  
— É bom partir amanhã  
Vamos fazer arraial  
Na Serra da Mucunã.



No outro dia às três horas  
Da madrugada, saíram  
Jupi e Neci na frente  
Os outros todos seguiram  
Com destino a Mucunã  
Todos dispostos partiram.

Distante 28 leguas  
Da aldeia que eles moravam  
Essa serra era um lugar  
Que de ano em ano andavam  
Então os chefes de tribo  
Era lá que se enterravam.

Bem no centro da montanha  
Fizeram um arraial  
Havia uma pedra alta  
De tamanho descomunal  
Quem estivesse em cima dela  
Observava o val.

Foram então se exercitando  
De toda forma de guerra  
Disse Jupi: — Nós aqui  
Estando em cima desta serra  
Não vejo soldado branco  
Que venha tomar-me a terra.

Então Neci disse aos índios:  
— Se acaso formos cercados  
Ponham-se todo em fileiras  
Avancem muito animados  
Se por acaso correrem  
Não vão ficar debandados.

Jupi vai com trinta índios  
Tomar a boca do vão  
Vai Acaci com quatorze  
Fazer observação  
E envenenar as águas  
Onde beber o batalhão.



Temos 4 mil cartuchos  
E cento e dez granadeiros  
Já sabemos atirar  
E somos muito ligeiros  
E tem-se mais a vantagem  
De conhecer os oiteiros.

Porque o meu tio Abaré  
Conhece nessa montanha  
Lugar que nação alguma  
Indo lá conta façanha  
Rola de oiteiro abaixo  
Nem o diabo o apanha.

Jorã é destro na flecha  
Burabi na rebolada  
Cetim e os irmãos dele  
Ninguém ganha-os em pedrada  
Acaci é como sabe  
Mata dez de uma pancada.

Chegaram de Portugal  
Quinhentos e doze praças  
Soldados bem destemidos  
Homens de diversas raças  
Soldados que investiam  
Nas mais horrendas desgraças.

Então o governador  
Chamou um oficial  
Um das mesmas feras  
Chegadas de Portugal  
Ordenou-lhe que fizesse  
Uma desgraça geral.

Mandou procurar os índios  
E onde os encontrasse  
Não atendesse razões  
Antes de tudo atirasse  
Embora acabasse a força  
Um só índio não deixasse.

A força foi prevenida  
 Com ferros para cortar  
 Abrir veredas na mata  
 Para poder avançar  
 Era ordem do governo  
 Sem os índios não voltar.

Andaram quarenta dias  
 Achando sempre os roteiros  
 Fogo que os índios faziam  
 Ranchos nos pés dos oiteiros  
 Afinal acharam eles  
 Morando entre dois ribeiros.

Era dez horas do dia  
 Os índios foram cercados  
 Em cada pé duma pedra  
 Tinha dois ou três soldados  
 Morria sem piedade  
 Gente de todos os lados.

Tinha ali um índio velho  
 Chamado Paripatu  
 Quando agarrava um soldado  
 Matava-o deixava nu  
 E rasgava as guelas dele  
 Bebia-lhe o sangue cru.

Neci chegou onde estava  
 Toda força reunida  
 Nunca se viu uma fera  
 Que fôsse tão destemida  
 Não dava uma bordoadá  
 Que não tirasse uma vida.

Aí só se ouvia gritos  
 Soldados no chão morrer  
 Índios varados por balas  
 Sangue no chão a correr  
 De noite a água do rio  
 Ninguém podia beber.



Os soldados portuguezes  
À noite se afastaram  
Cessou os rumores dos tiros  
Os índios se retiraram  
No outro dia às seis horas  
A mesma luta travaram.

Trezentos e trinta praças  
Nesse combate morreram  
Ficaram apenas setenta  
No outro dia correram  
A bagagem e o armamento  
Nessa ocasião perderam.

Os índios também perderam  
Só de mortos quatrocentos  
Os feridos mortalmente  
Excediam de trezentos  
Entre feridos e mortos  
Fizeram mil e seiscentos.

O governo quando soube  
Da desgraça acontecida  
Perguntou ao capitão:  
— Para que voltou com vida?  
Você não parece ser  
De uma nação tão temida.

O que é que mando dizer  
À majestade real?  
Com que cara escreverei  
Daqui para Portugal?  
Nunca mais confiarei  
Em promessa de oficial.

O governo logo mandou  
O capitão em seguida  
Que chegasse ao quartel  
E tocasse reunida  
E fôsse cercar os índios  
Embora perdesse a vida.



Preveniu-se de comida  
Armas, balas e ferragem  
Levou o que precisava  
E seguiu logo a viagem  
Dizendo: — Agora vou ver  
Se os índios contam vantagem.

Levou quatrocentos praças,  
Um tenente, um capitão,  
Um alferes e dois cadetes  
Seguiu com o batalhão  
Disse ele: — Havemos de ver  
Se os índios se acabam ou não.

Em cinco dias chegaram  
Aonde eles estavam  
Os índios já prevenidos  
De prontidão esperavam  
Como quem tem a certeza  
Que os inimigos voltavam.

Os índios se colocaram  
Entre duas cachoeiras  
Ao lado esquerdo ficaram  
Duas enormes ladeiras  
Um rio de cada lado  
Formavam duas trincheiras.

Os índios se dividiram  
Em duas grandes fileiras  
Uma no fundo do sítio  
Defendendo as cachoeiras  
Outra em muito boa ordem  
Ao lado das três ladeiras.

Os índios naquele sítio  
Estavam todos firmados  
Os portugueses ali  
Brigavam todos cercados  
Guerreiro algum os vencia  
Pois estavam bem preparados.



Neci brigava no centro  
Jupi perto da entrada  
Diziam aos outros índios:  
— Morte aqui é palhaçada  
Um índio perder a vida  
Isto não quer dizer nada.

Chamou Neci e lhe disse:  
— Com pouco somos cercados  
A mim os brancos me matam.  
Meus ossos serão pisados  
Mas os braços de Jupi  
Não serão nunca amarrados.

Meus inimigos dirão  
Matou-se o índio Jupi  
Porém nós não conseguimos  
Foi trazê-lo preso aqui  
Desce o corpo e sobe a alma  
Tudo se aniquila aí.

Então respondeu Neci:  
— Que tem que o homem se acabe  
Fecha-se a porta da vida  
Mas a da morte se abre  
Nós não tivemos fortuna  
Só a desgraça nos cabe.

Nós aqui neste deserto  
Sem a ninguém ofender  
Os estrangeiros de longe  
Nos obrigam a morrer  
Porque os índios não têm  
O direito de viver?

A carne não é a mesma?  
O sangue não é igual?  
Não há índio até de cor  
Dos filhos de Portugal?  
Não devia haver razão  
Para nos fazerem mal!

Nisso ouviram os estampidos  
Já estavam sitiados,  
Já se via pelo chão  
Diversos índios varados  
E diversos portugêses  
Tinham sido estrangulados.

Jupi abraçou Neci  
E lhe disse: — Adeus querida  
Dá-me um abraço e um beijo  
Que eu quero por despedida  
Essa é a última luta  
Que eu tenho na minha vida.

— Vai Jupi disse ela em pranto  
Encare o horror da sorte  
A vida é uma luz fraca  
O mundo é vento forte  
Se alguém matar-te que eu veja  
Morrerei, mas te vingó a morte.

Não acabaram a conversa  
Quando viu a força entrar  
Quase que não dava tempo  
Da tribo indígena se armar  
Disse Neci: — Meus amigos  
Agóra é tudo encarar.

Disse Jupi: — Eu não sinto  
Um portugêes me matar  
Sinto ser preso por ele  
Podem me desfeitear  
Mas enquanto eu não morrer  
Garanto que hei-de lutar.

Nisso chegou uma força  
E todos foram cercados  
Neci lutou na investida  
Com vinte e cinco soldados  
Se via naquela luta  
Sangue por todos os lados.



Jupi se fez no cacete  
Não escutou mais razões  
E gritou aos inimigos  
Eu brigo com dez nações  
Não me troco por dez brancos  
No valor e nas ações.

E empunhou o cacete  
Demonstrando que era forte  
Não dava uma bordoadá  
Que não fizesse uma morte  
O cacete parecia  
Um ferro que tinha corte.

Não dava uma bordoadá  
Que não tirasse uma vida  
Matava seis, oito e nove  
Soldados numa investida  
Sem que um só inimigo  
Lhe fizesse uma ferida.

Estavam mortos por ele  
Setenta e nove soldados  
Via-se mais de quarenta  
No chão de braços quebrados  
Os de fora só ouviam  
Gemidos dos baleados.

E Neci por outro lado  
Estava como uma serpente  
Nos córregos que haviam  
Corria sangue de gente  
Olhava-se para o rio  
Via-se sangue somente.

Um tenente investiu nela  
E deu-lhe voz de prisão  
Disse Neci: — Irei presa  
Se fôr por uma traição  
Eu entregar-me por gosto  
Está enganado, isso não!



Sou moça, tenho força  
E coragem pra lutar  
Se a desgraça fôr minha  
Eu não devo desprezar  
Meu arco é meu protetor  
A sepultura é meu lar.

O tenente foi a ela  
E bem de perto atirou  
Mas a índia foi ligeira  
E o tiro não pegou  
Ela deu-lhe uma pancada  
Nos pés dela ele expirou.

Aí avistou Jupi  
Por um batalhão cercado  
Ela de cá percebeu  
Que ele estava cansado  
Não podia pular mais  
Já estava em sangue banhado.

Nisso viu um capitão  
Que traspassou o Jupi  
Varou-o com uma espada  
Ele ficou mesmo ali  
Ainda ouviu ele dizer:  
— Adeus querida Neci.

Ela avançou para ele  
Com fúria de um leão  
Porém um oficial  
Chegou a ela à traição  
Deu-lhe com um granadeiro  
Ela então caiu ao chão.

Neci julgou que Jupi  
Estava ali se ultimando  
Chegou para perto dele  
A face foi osculando  
E disse: — Espera por mim  
Eu sinto a morte chegando.



Logo amarraram ela  
Com bem rigorosidade  
Ela disse ao general:  
— Mate-me por caridade  
Para eu ver se eu encontro  
Jupi na eternidade.

Ali mesmo o general  
Mandou chamar um soldado  
E disse: — Pegue esse índio  
Amarre bem amarrado  
Enterre à beira do rio  
E tenha todo cuidado.

Neci viu quando o soldado  
Levou seu noivo querido  
Ela olhou indignada  
Disse ao general: — Bandido  
A morte dele eu vingarei  
Fique o senhor prevenido.

O general riu e disse:  
— Deixe de fúria menina  
É somente à força bruta  
Que a certa gente se ensina  
Ela disse: — Esperarei  
O que é bom Tupã destina.

O soldado pegou Jupi  
E bem depressa o levou  
Chegando à margem do rio  
Um buraco ele cavou  
Depois botou ele dentro  
Muito ligeiro tapou.

Atrás dele vinha um índio  
E a polícia não viu  
E logo que o soldado  
A tarefa concluiu  
O selvagem à queima roupa  
Atirou, ele caiu.

O índio desenterrou  
 Tirou Jupi ansiando  
 Levou-o para uma furna  
 Muito sangue ia botando  
 Mas quando Jupi chegou  
 Foi depressa melhorando.

Chegou Neci na cidade  
 Foi para uma prisão  
 Mandaram botar-lhe os ferros  
 Sem ter dela compaixão  
 Só se lhe afrouxavam um braço  
 Quando lhe traziam um pão.

O general foi ver ela  
 E lhe disse que a amava  
 E se ela amasse ele  
 Em poucos dias a soltava  
 Neci aí deu-lhe as costas  
 Disse que não aceitava.

Ele em um quadro mostrou-lhe  
 Uma dama bem trajada  
 E lhe disse: — Se me amares  
 Serás assim bem tratada  
 Ela disse: — Para mim  
 Essa pompa não vale nada.

Disse ele: — Se me quiseses  
 Ainda serás feliz  
 Disse Neci: — Sem Jupi  
 Me considero infeliz  
 Pois nunca ninguém logrou  
 O que a sorte não quis.

O general disse a ela:  
 — Deixe de ser imprudente  
 Tirar-te-ei da prisão  
 Trago-te muito decente  
 Ela disse: — Para mim  
 Existe um sofrer somente.



— Pois em Neci, disse ele:  
Tu não queres te render  
Como não consegui nada  
À força hei-de te vencer  
Ela disse: — Paciência  
Tudo se pode sofrer.

É a maior tirania  
Covardia do senhor  
Querer conquistar a mim  
Seja de que forma fôr  
Está vendo, não conhece  
Isso é que se chama amor?

O amor é como a planta  
Tem a mesma condição  
Na planta escolhe-se a terra  
De boa vegetação  
No amor um que combine  
Com as fibras do coração.

Plante o arbusto em terra  
Que não possa enraizar  
A planta morre ali mesmo  
Não pode nunca aumentar  
O amor contra vontade  
Nunca mais pode ligar.

O general retirou-se  
Sem saber o que fizesse,  
Projetou trazê-la à força  
Desse o caso no que desse  
Disse: ela não me ama  
Mas à força me obedece.

Quando o general saiu  
Blasfemando indignado  
Arrenegando de si  
Dizendo: sou um desgraçado  
Amo tanto aquela índia  
Sou por ela desprezado.



Há mais Deus do que eu penso  
É mais tudo é engano  
É covardia negar-se  
Que existe um Deus soberano  
Que dá a um escravo humilde  
O que nega ao rei tirano.

Altas famílias reais  
Imperatrizes garbosas  
Com sêda, ouro e brilhante  
Tantas pedras preciosas  
Uma índia esfarrapada  
Ser uma das mais formosas.

Se as feições daquela índia  
Fôsse em uma imperatriz  
Ou mesmo em uma mulher  
De família mais feliz  
Quem a tivesse por esposa  
Era o maior do país.

Coitada! Porém a sorte  
Fez dela sua esquecida  
A natureza negou-lhe  
O que é melhor da vida  
Porque deu a uma imagem  
Alma tão desprotegida.

Isso disse o general  
Dentro do seu coração  
E Neci banhada em pranto  
Nos horrores da prisão  
Pedia a Tupã que apressasse  
A sua consumação.

O general ordenou  
A um segundo tenente  
Que dissesse ao capitão  
Que fôsse falar-lhe urgente  
Então que não demorasse  
Que ele estava impaciente.



Veio o dito capitão  
O tal que feriu Jupi  
O general ordenou  
Vá à prisão de Neci  
Tire todos os ferros dela  
E traga já ela aqui.

Leve dois oficiais  
Para podê-la trazer  
Isso o senhor faz oculto  
Que ninguém há-de saber  
Traga ela honestamente  
Sob pena de morrer.

Foram os três oficiais  
Disse um tenente: — É aqui  
O capitão tirou logo  
As correntes de Neci  
Ela viu que o capitão  
Foi o que matou Jupi.

O alferes disse tudo  
Que o general ordenou  
Ela fez um ar de riso  
Muito baixo suspirou  
Com esse ar prazenteiro  
O capitão se alegrou.

Então Neci levantou-se  
Tomando respiração  
Saltou logo na espada  
Que trazia o capitão  
Vibrou-lhe um golpe medonho  
Em cima do coração.

Puxou a espada logo  
Cravou com ela o tenente  
Outra igual deu no alferes  
Matou-lhe instantaneamente  
Três mortes em dois minutos  
E ali não chegou gente.

Encheu de sangue deles  
O copo de uma espada  
Dizendo: — Pouco me importa  
Se agora eu fôr confiscada  
Matei quem matou Jupi  
Posso morrer, estou vingada.

O general conhecendo  
Que tardava o capitão  
Dominado de ciúme  
Quase perdendo a razão  
Nos trajes que estava em casa  
Se dirigiu à prisão.

Mas antes dele chegar  
Encontrou logo um soldado  
E disse: — Senhor general  
O caso está complicado  
O capitão foi agora  
Pela Índia assassinado.

Disse o general vexado:  
— E Neci onde ficou?  
Disse o soldado: — Tranquei-a  
Assim que o fato passou  
O povo queria linchá-la  
A polícia não deixou.

O general ficou louco  
Quando soube do acontecido  
Foi depressa à cadeia  
E deu tudo por perdido  
Pois Neci assassinou  
Um tenente destemido.

Quando o general chegou  
Neci estava sentada  
Ela pouco se alterou  
Quando foi interrogada  
Disse muito satisfeita:  
— Agora sim, estou vingada.



Ele disse furioso,  
— E sabes que vais morrer?  
Disse Neci: — Só assim  
Descansarei de sofrer  
O meu martírio se acaba  
Termina o meu padecer.

Disse o general: — Mulher  
Com a vida hás de pagar  
Os crimes que praticaste  
Não posso te perdoar  
Não terás um mês de vida  
Eu mandarei te matar.

Vamos tratar de Jupi  
Da forma que ele ficou  
Assim que chegou na furna  
Um pouquinho melhorou  
O índio botou-o nas costas  
E pra aldeia o levou.

Jupi foi bem medicado  
Pelo pajé curandeiro  
Logo que pôde falar  
O que perguntou primeiro  
Foi pela índia Neci  
O seu amor verdadeiro.

Disseram: — Ela foi presa  
Ninguém a pode livrar  
A tribo confia em si  
Quando você melhorar  
No seu grito seguiremos  
Ninguém teme em se acabar.

Afinal depois de um mês  
Jupi estava curado  
Chamou o cacique e disse:  
— Meu povo está ao meu lado  
Eu hoje trago Neci  
Ou então sou derrotado.



Jupi juntou sua gente  
Estavam todos bem armados  
Com boas armas de fogo  
Iam bem municidados  
Afinal não tinham mêdo  
De sairem derrotados.

Nesse dia de tardinha  
A tropa logo partiu  
Às 10 chegou na cidade  
Escondeu-se e ninguém viu  
Os índios se entrincheiraram  
E o povo não presentiu.

Jupi quando chegou soube  
O que ia acontecer  
Sua noiva à meia-noite  
Havia de aparecer  
Ia morrer fuzilada  
Ninguém a podia valer.

Jupi voltou, disse aos índios:  
— Vocês fiquem avisados  
Quero destreza e coragem  
Pois se formos derrotados  
Sem remissão morreremos  
De um por um fuzilados.

Quando foi às dez e meia  
Jupi mandou espreitar,  
Se por perto da cadeia  
Podia se entrincheirar  
O espia foi e voltou  
Disse: — Pode se equipar.

Neci na fria prisão  
Desesperada da sorte  
E entre lágrimas dizia:  
— Não tenho quem me conforte  
Quando ouviu atrás da grade  
Uma voz serena e forte.



O carcereiro abriu logo  
Aquela prisão escura  
Neci então respirou  
A brisa suave e pura  
Nesse instante ela sentiu,  
Sua triste desventura.

Era meia-noite em ponto  
Soprava um vento gelado  
O céu não tinha uma estrela  
Estava tudo nublado  
Acompanhava Neci  
O carcereiro e um soldado.

Chegaram num grande pátio  
Onde estava um pelotão  
Neci estava algemada  
Então veio o capitão  
Tirou-lhe então as algemas  
E botou-a em posição.

Vedaram os olhos da índia  
De formas que ela não via  
E encostaram ela num muro  
Que ela nem se bolia  
Um pelotão de soldados  
Fizeram-lhe pontaria.

Nesse momento se ouviu  
Um tiroteio cerrado  
Os soldados esbaforidos  
Corriam pra todo lado  
Neci arrancou dos olhos  
O pano que estava atado.

Jupi entrou com a tropa  
Invadiu logo a cadeia  
E depois de duas horas  
A carnificina era feia  
Tinha gente espatifada  
Por todo canto da aldeia.

O general no seu quarto  
Placidamente dormia  
Porém momentos depois  
O fogo da artilharia  
Fez ele então despertar  
Da imensa letargia.

O general acordou  
Com os gritos de um soldado  
Ele depressa vestiu-se  
E foi de tudo informado  
Que a cadeia e o quartel  
Os índios tinham tomado.

O general saiu fora  
Viu triste a situação  
A soldadesca perdendo  
Branco rolando no chão  
Ele então se decidiu  
Tomar parte na questão.

Bem defronte da cadeia  
A luta se iniciou  
Terminada a munição  
A luta então piorou  
E um combate sangrento  
Corpo a corpo se travou.

Neci estava escondida  
Receando ser pegada  
O general avistou-a  
E ela sem temer nada  
Travou combate com ele  
Como uma fera assanhada.

Nesse momento Jupi  
Ao general avistou  
Dum pulo que deu de lá  
No cangote lhe agarrou  
Deu-lhe um soco tão danado  
Que ele descangotou.



Mas um grupo de soldado  
Na luta logo interviu  
E depois de meia hora  
Tudo ali se concluiu  
Os soldados debandaram  
E o general fugiu.

Jupi encontrou Neci  
Ainda desacordada  
Ele a beijou e lhe disse:  
— Desperta noiva adorada  
Teu noivo estando a teu lado  
Aqui não falta mais nada.

O general evadiu-se  
Pois não pôde resistir  
Jupi levou sua noiva  
Mandou tocar, reunir  
Os índios se ajuntaram  
Dispostos para seguir.

Então na manhã seguinte  
Na aldeia eles chegaram  
Houve festa quinze dias  
Muitos beberam e dançaram  
Jupi e a bela Neci  
Nesse dia se casaram.

O governo mandou logo  
A Jupi lindo cartão  
No qual dizia o seguinte:  
Felicito a união  
Entre sua tribo e meu povo  
Eu não quero mais questão.

Daquele dia em diante  
Jupi viveu descansado  
Muito feliz com sua esposa  
Não foi mais incomodado  
A tribo uniu-se aos brancos  
E esqueceu o passado.

# JÁ SAIU!

## PIADAS de LOUCOS



PODE LER SOSSEGADO, VOCÊ NÃO FICA  
MAIS DO QUE É...





## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Átilda Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Átilda Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).